

Qualquer Semelhança Não É Mera Coincidência: maracutaias do Brasil apresentadas pelo Grupo de Teatro Tropa do Vale... Ói a trupe, em cena, outra vez!!

Por Alexandre Mate¹

Um espetáculo de rua apresentado em caixa necessita adaptar-se à ela ou qualquer outro espaço híbrido ou alternativo. Evidentemente, determinadas características se perdem, mas, e de modo dialético, outras se ganham. No espetáculo *Qualquer Semelhança Não É Mera Coincidência*, já no prólogo ou cortejo de apresentação, o harmonioso conjunto que criou e apresenta a obra, revela que no dito país do carnaval, e em estado de dissolvência (decorrente do estado pandêmico e do desgoverno brasileiro), a obra demonstrará a principal característica do estado brasileiro, também conhecida como maracutaia. Portanto, é dessa condição que o material dramaturgico, criado pela veterana e respeitadíssima Meire Pedroso da Silva, vai cuidar/tratar. De outro modo, ao coligir (reunir) fragmentos de outras obras, o espetáculo, em decorrência de sua forma popular, pretende passar em revista, por meio de chave cômica, a (in)justiça que tem caracterizado as relações sociais no Brasil.

Como cenário, e a obra, em tese, divide-se em dois episódios, apresenta uma grande empanada destacando um palácio e uma casa simples. Um boneco de vara, apresenta a fábula: uma condessa (“recatada e do lar”) e uma pobre moça Mariela (que não nos esqueçamos jamais de Marielle Franco, barbaramente assassinada por milicianos cariocas) entrarão em um processo de litígio. Na sequência, são projetadas imagens de homens e mulheres, principalmente artistas, que foram desumanamente “abatidas” pela Covid-19.

¹Alexandre Mate é mestre pela ECA/USP, Doutor em História Social pela FFLCH/USP; professor-orientador no programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp/SP; dedica-se à pesquisa teatral, autor de inúmeros textos e alguns livros na área teatral.

Abatidas porque o estado brasileiro não tomou as medidas devidas e necessárias. Abatidas porque no processo de terrorismo de estado, as autoridades de plantão resolveram desacreditar da ciência e preconizar os charlatanismos desumanos a granel! A projeção, sem dúvida, emociona e fragiliza as gentes sensíveis.

Depois de explicitada, com clareza absoluta, o seu "a que viemos", o narrador e as duas bonecas ganham a cena, representadas por três atrizes. A demonstração do anteriormente anunciado configura-se por meio da disputa de uma boneca pela Mariela e a condessa. A cena inspira-se em *Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertolt Brecht. O juiz em ambas as obras tem sabedoria e delibera que a boneca deve ficar com Mariela (que abandona a disputa por não querer a boneca destruída).

No próximo episódio, muda-se o telão pintado e apresenta-se, também de Bertolt Brecht, uma cena de *Ópera dos Três Vinténs*. De modo mais específico, trata-se de uma paródia musical que Chico Buarque de Hollanda recria em *A Ópera do Malandro*. Por meio de humor sarcástico, revela-se o caráter predador, coercitivo, desumano e corrupto do sistema capitalista.

O terceiro e último episódio toma como referência a antropofagia, via algumas propostas/textos de Oswald de Andrade. Então, coroando a obra, que é manifesta e panfletária (como precisa ser), o coletivo "risca o chão" e "recomenda" o que é necessário para sobreviver em tempos tão dolorosos.

Entremeando manipulação de bonecos e representação, em dois momentos, o coletivo vai para a área do público, mas, infelizmente, não foi possível ouvir as conversas trocadas com espectadores e espectadoras. Realmente, quando a obra estiver nessa condição, é fundamental pensar nisso e providenciar microfones ou ampliar a voz... Além desse "problema", quando um artista popular vai para a caixa, não precisa desenvolver uma relação frontal. O espaço representacional, de modo diferenciado àquele das formas hegemônicas (que transitam com o drama, sobretudo), não pode aprisionar a potência expressiva de quem é da rua.

Por último, a diretora Kelcei Aquino criou uma obra porosa e popular. Na aparente "simplicidade" da encenação, a sabedoria de quem sabe que o espaço público conta com todo o tipo de gente. Portanto, o trânsito

composicional com alegorias facilmente identificadas, explícita e conclama, feito trincheira, de que lado é preciso estar.

Durante o debate ocorrido após o espetáculo, a maioria das/dos integrantes do coletivo é de docentes. Tá: espetáculo didático! Espetáculo criado por gente que conhece a realidade de tanta gente colocada à margem!!!